

Prefácio

Sustentar a falta de ar

Desde que ocorreu a defesa do doutorado de Beatriz Saks Hahne, intitulada *No interior da medida socioeducativa: itinerários narrativos e encontro como resistência*, tenho comentado uma marca impressionante desse trabalho: os esforços, o tempo, as perdas, as invenções, enfim, a luta para que fossem possíveis encontros entre a pesquisadora Beatriz e jovens que cumpriam medida socioeducativa na cidade de São Paulo. Neles, o objetivo era pensar e, portanto, criar o que não havia sido pensado. No título da tese de doutorado, agora tornada livro, Beatriz formulou bem aquilo que define essa qualidade de encontro: ele é resistência, esforço contra o silenciamento. Ela é precisa ao focar a produção do silenciamento como material de análise. Tomando-o como elemento fundamental na produção das formas de compreender e falar sobre esses meninos (assim Beatriz os nomeia: os meninos), afirma que o funcionamento da política que organiza o cumprimento da medida socioeducativa nega a história em que a infração é realizada. Ou melhor, a negação dessa história é o objetivo da engrenagem dessa política e, para que ela se dê, há de haver distanciamento. Beatriz questiona um funcionamento que considera tudo saber sobre os meninos e indaga: “Se a medida sabe tudo sobre o menino, como poderá se interessar por sua vida?”

Beatriz havia participado da política referente à medida socioeducativa de diferentes maneiras: conhecia bem a rotina, a produção de relatórios, os indicadores de progressão da medida, os critérios de análise e os processos de avaliação. Nesse percurso, viveu dilemas sobre as formas de aproximação, de distanciamento, de rotulação e de burocratização em relação às vidas-medidas dos meninos.

Neste livro, ela formula seu desafio: imersos(as) nessa lógica de silenciamento, seria possível alguma outra qualidade de encontro e de conversa com esses meninos de maneira que algum pensamento fosse produzido? Esse desafio foi construído tendo como base a seguinte certeza: não pensar não era um problema a ser vencido ou algo a melhorar. Não pensar é matéria presente na institucionalização da medida socioeducativa.

Os esforços que culminaram em momentos de conversas, de leituras e de trocas de escritas com esses meninos fizeram restar algo que Beatriz toma como paradoxal: na experiência de encontros com certa abertura, que rompiam determinações e possibilitavam conversas, havia a sensação de falta de ar, de fechamento e do pouco poder fazer. Sustentar a falta de ar tornou-se antídoto contra a vontade de distanciar-se do que se materializava como insuportável. Como um dos meninos nos ensina, para que algo mudasse e algum futuro pudesse ser pensado, seria preciso outra pele e estar dentro de outra vida. Sustentar o insuportável é tarefa que precisa de gente ao lado.

Um dia, após um longo trajeto para se encontrar com um dos meninos e um tempo de espera para sua chegada, Beatriz recebeu a informação, via celular, de que ele não poderia ir vê-la. Havia acontecido coisas. Coisas... coisas... Seria tão fácil utilizar qualquer adjetivo para esse menino, tomá-lo como irresponsável, como alguém com quem não se pode contar. No caminho de volta de Beatriz, falta de ar. Coisas... coisas... Marcamos depois, ela respondeu. Fique bem. Coisas... coisas... Essas coisas que existem na vida desses meninos são de doar. Sobre algumas, Beatriz ficou sabendo. Naquele momento, cada impossibilidade de encontro gerava nela dúvidas sobre o sentido deste trabalho.

Os esforços de Beatriz em coincidir e em não cobrar pelo combinado como se ele (o combinado) fosse construção comum considerava que a vida-medida tem sido prescrita por palavras de ordem imperativas sobre esses jovens. As relações já têm os roteiros predefinidos e formalizados: orienta-se o que o jovem deve fazer e, mesmo sendo impossível, acredita-se quando ele diz que fará. E, se um deles diz “não farei”, as pessoas que trabalham no sistema judiciário se sentem desrespeitadas.

Os jovens-meninos sabem bem o que devem e o que não devem falar nessas relações. E Beatriz, uma mulher branca conhecida por alguns desses meninos, psicóloga que trabalhou com essa política pública, tentou abrir uma brecha nisso.

Era preciso inventar um percurso que permitisse fabulações de futuro, conexões com outras histórias, aliança e acesso à produção pública daquilo que é singular. Beatriz tomou a construção desse percurso, o método, como objetivo do trabalho. Difícil e intenso alterar o roteiro predefinido, que implicava construir outra relação, variar aquilo que nos tornamos. Impressionantes os momentos em que ela reflete sobre as próprias perguntas e falas com os meninos. Durante o trabalho, Beatriz foi se tornando outra, ela se colocou, como escreve ao discutir o que seria uma conversa,

num outro lugar de si. Os encontros não foram como haviam sido previstos por ela. E foram as mudanças de planos, as dúvidas e as incertezas que tornaram possível os meninos caberem nos encontros e, assim, eles ocorrerem.

Beatriz nos apresenta cada menino (foram cinco) por meio de pequenos textos endereçados a eles sobre o percurso vivido entre ela e cada um deles. Tão intensos. Nesses textos, conta como conheceu cada um, o que ocorreu entre eles e ela e como a despedida se deu. Ao ler, acessamos o tom e a direção ética do trabalho (eles construíram a pesquisa com Beatriz, também compondo os textos que subsidiam as discussões), alguns acontecimentos nos encontros (dividiam livros, histórias), cenas marcantes na vida, o medo, os sumiços, a falta de sentido da prestação de serviços que realizavam ao cumprir a medida socioeducativa, a maneira como cada relação se encerrou.

As narrativas escritas com base nos encontros e nas conversas foram lapidadas com muita reescrita (pude acompanhar esses esforços como orientadora desse doutorado). Beatriz fez dos efeitos das falas escutadas oportunidade de pensamento e diálogo com os meninos, que liam, comentavam e sugeriam mudanças em suas histórias escritas.

A partir do capítulo 4, Beatriz introduz discussões referentes ao trabalho com as medidas socioeducativas tecidas em companhia de diversos(as) autores(as), dentre eles(as), os meninos. Utiliza conceitos, letras de *rap*, poesia e trechos das narrativas escritas e, com esse material, analisa o bairro e o cotidiano em que os meninos vivem; mostra como cada um deles analisa o processo da medida socioeducativa; discute a produção de planejamentos não compartilhados; apresenta cenas em uma escola vivida como moeda de troca; retrata a internação em que se vive só violência; discute a rebelião, em relação à qual nunca se está fora; escancara o racismo que faz a polícia bater no menino negro antes de perguntar, as vivências familiares, as violências, a negligência do Estado, o dinheiro como meta, o mundo do crime e a insistência por outra vida.

A escrita deste trabalho se assemelha a um filme, ela capta imagens e registra situações produzindo aquilo que tinha como objetivo: as histórias dos meninos e a capacidade de eles pensarem estão em primeiro plano, pois assim se faz advir, como diz Beatriz, “o que só aquele menino poderia ser em sua maneira de existir”. “A liberdade”, ela afirma, “jamais pode ser imaginada sem eles”. Na releitura para escrever este prefácio me vi, novamente, espantada com a produção de pensamentos nas relações entre Beatriz e cada um dos meninos.

Este livro ganha o mundo, provocando no leitor a falta de ar que Beatriz viveu e tecendo análises dos desafios que surgem quando se pretende que algo de educativo se dê no trabalho com jovens que cumprem medidas socioeducativas.

